



## Sobre a interconexão entre as smart mobs, a inteligência coletiva e o capital social<sup>1</sup>

Vanessa MADEIRA<sup>2</sup>  
Luiza Carolina FIGUEIREDO<sup>3</sup>  
Riverson RIOS<sup>4</sup>  
Universidade Federal do Ceará

### Resumo

O artigo a seguir tem por objetivo estudar as smart mobs, fenômeno da Cibercultura que trata de indivíduos coordenando e organizando ações de engajamento cívico e ajuda humanitária com o suporte das novas tecnologias de comunicação e informação. Tais “multidões inteligentes” demonstram a existência de uma propriedade que guia suas dinâmicas e as torna possíveis, a inteligência coletiva. Esta diz respeito ao conjunto de conhecimentos acumulados a partir da conexão, interação e colaboração de várias pessoas, um processo que encontra, no ciberespaço, um ambiente propício ao seu desenvolvimento. Para melhor compreensão do conceito de inteligência coletiva, também será abordado o conceito de capital social e como ele se manifesta no âmbito da Internet. Tal objetivo será alcançado com base em revisão bibliográfica sobre os temas.

**Palavras-chave:** Cibercultura; smart mobs; inteligência coletiva; capital social.

### Introdução

O surgimento e o aprimoramento das tecnologias de informação e comunicação (TICs) provocaram uma revolução na forma como interagimos e nos relacionamos uns com os outros, trazendo novas possibilidades de agregação social. A união entre a Internet e a computação portátil, representada por aparelhos como *tablets*, *smartphones* e *notebooks*, deu origem a novos ambientes de colaboração e participação, a exemplo da blogosfera e das redes sociais digitais. Isso permitiu a transposição de barreiras espaço-temporais e a realização de ações coletivas entre indivíduos dispersos em diferentes locais do mundo.

Todas essas mudanças possibilitaram o surgimento do fenômeno das *smart mobs*, multidões capazes de agir em conjunto mesmo que nunca tenham se conhecido e não estejam localizadas no mesmo espaço geográfico, utilizando as TICs como suporte de organização. Para muitos autores, a inteligência à qual o título “smart” se refere está relacionada às tecnologias utilizadas para a articulação desses grupos. No entanto,

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ05 – Comunicação Multimídia do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante de graduação do 9º semestre do Curso de Comunicação Social da UFC, com Habilitação em Jornalismo, email: [vanessamadeira19@gmail.com](mailto:vanessamadeira19@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de graduação do 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFC, email: [luizacarolinafigueiredo@gmail.com](mailto:luizacarolinafigueiredo@gmail.com)

<sup>4</sup> Orientador do trabalho, professor Ph.D. e tutor do PET do Curso de Comunicação Social da UFC. Email: [riverson@ufc.br](mailto:riverson@ufc.br).



alguns teóricos acreditam que essas multidões demonstram a existência de uma propriedade que guia suas dinâmicas e as torna possíveis: a inteligência coletiva.

Esta diz respeito ao conjunto de conhecimentos acumulados a partir da conexão, interação e colaboração de várias pessoas, processo que encontra, no ciberespaço, um ambiente propício ao seu desenvolvimento. A inteligência coletiva seria a responsável pela solução de problemas que não podem ser resolvidos por um indivíduo sozinho, e sim pela união de saberes, pelo compartilhamento de informações e experiências.

Essa concepção é defendida por muitos teóricos, sendo um dos mais notáveis Pierre Lévy (2000). Para o autor, a análise da inteligência coletiva é inerente ao estudo dos tipos de capital formados entre as pessoas, como o tecnológico, o cultural e, mais importante, o social, que pode ser entendido como o potencial de interação entre os indivíduos, o conjunto de elementos de uma estrutura social que possibilitam a ação coletiva.

O presente artigo faz um estudo sobre a relação entre estes três elementos – smart mobs, inteligência coletiva e capital social – mostrando como estão intrinsecamente ligados e dependem, nesta respectiva ordem, para existir. Para isso, citaremos alguns casos de smart mobs que ficaram conhecidas em todo o mundo, e de que forma a concepção da inteligência coletiva e os conceitos de capital social ajudam na compreensão desse fenômeno.

## 1. As Smart mobs

Para o escritor Howard Rheingold (2002), as smart mobs “consistem em pessoas que são capazes de agir em concerto mesmo sem se conhecerem (...) porque elas carregam dispositivos que possuem ambas as capacidades de comunicação e computação” (p. XII, tradução nossa<sup>5</sup>). O autor refere-se aqui principalmente à tecnologia móvel mais comum e acessível na época: o telefone celular. A comunicação via SMS, antes da popularização da comunicação via Internet, ainda em estágio de aprimoramento e expansão no ano de 2002, era – e ainda é – uma das formas mais eficazes de estabelecer contato e trocar informações entre a comunidade juvenil.

Rheingold cita o exemplo das chamadas “thumb tribes”, grupos de jovens japoneses que utilizavam mensagens de texto via telefone celular para comunicar-se avidamente em situações cotidianas, como ir à escola, fazer compras ou comer em

---

<sup>5</sup>Do original: “(...) consist of people who are able to act in concert even if they don’t know each other (...) because they carry devices that possess both communication and computing capabilities”.



restaurantes e cafeterias. No entanto, enquanto os adolescentes japoneses utilizavam o aparelho celular e as SMS essencialmente para a comunicação do dia a dia, não longe dali, nas Filipinas, a população local atribuía uma nova função às ferramentas. Em 2001, mais de um milhão de residentes de Manila, uma das cidades mais populadas na ilha, se reuniram publicamente para protestar contra o regime do presidente Joseph Estrada. O movimento foi coordenado por meio de mensagens de texto que convocavam os cidadãos a comparecerem em um ponto específico da cidade, vestidos de preto.

Dezenas de milhares de filipinos convergiram na Avenida Epifania de los Santos, conhecida como “Edsa”, dentro de uma hora após a primeira mensagem de celular anunciar: “Go 2EDSA, Wear blk”. Durante quatro dias, mais de um milhão de cidadão apareceram, a maioria vestida de preto. Estrada caiu. A lenda da “Generation Txt” havia nascido<sup>6</sup>. (RHEINGOLD, 2002, p. 158, tradução nossa)

O movimento filipino com o objetivo de retirar um governante do poder foi uma das primeiras manifestações do potencial da tecnologia de comunicação móvel como canal de mobilização social.

Hoje, além das mensagens de texto via telefone celular, as smart mobs se valem de outras tecnologias de comunicação móveis, como a computação portátil – representada por aparelhos como *tablets*, *smartphones*, *laptops*, entre outros – aliada à Internet sem fio, ou *wireless*. Segundo André Lemos (2004), a utilização dessas ferramentas para agregação social caracteriza as smart mobs e as diferencia de outras formações de massa. Para o autor, o adjetivo “smart” diz respeito aos dispositivos “inteligentes” utilizados por estas pessoas para se conectar, comunicar e mobilizar-se. Na chamada era da conexão, as tecnologias são instrumentos de mobilização na cidade contemporânea e de ação coletiva, pois “permitem a coordenação em tempo fluido, podendo ajustar lugares e tempos de forma flexível” (Lemos, 2004).

Segundo Rheingold:

Esses dispositivos irão ajudar as pessoas a coordenarem ações com outras ao redor do mundo – e, talvez mais importante, com pessoas próximas. Grupos de pessoas utilizando essas ferramentas irão ganhar novas formas de poder social, novos modos de organizar suas interações e trocas no mesmo horário e no mesmo lugar<sup>7</sup> (RHEINGOLD, 2002, p. XII-XIII, tradução nossa)

<sup>6</sup>Do original: “Tens of thousands of Filipinos converged on Epifanio de los Santos Avenue, known as ‘Edsa’, within na hours of the first text message volleys: ‘Go 2EDSA, Wear blk’. Over four days, more than a million citizens showed up, mostly dressed in blk. Estrada fell. The legend of ‘Generation Txt’ was born”.



---

André Lemos (2004) classifica as smart mobs em dois tipos:

- O primeiro tem cunho mais hedonista, voltado principalmente para o entretenimento. São as chamadas flash mobs, “manifestações-relâmpago, apolíticas, onde pessoas que não se conhecem marcam, via rede (blogs, celular com uso de voz e SMS), locais públicos para se reunir e dispersar em seguida, causando estranheza e perplexidade aos que passam” (Lemos, 2004).
- O segundo tipo tem por objetivo a mobilização engajada, de caráter político-ativista, geralmente relacionado a protestos contra autoridades e regimentos governamentais. Alguns exemplos são as já citadas manifestações nas Filipinas e na Espanha.

A este trabalho, no entanto, só interessa o segundo o tipo de mob, que, além do engajamento cívico e do protesto ativista, hoje também possui outras metas. Uma delas é a ajuda humanitária. Segundo Lemos (2005), o uso das novas tecnologias de comunicação móveis como ferramenta de ajuda humanitária pode ser observado em situações de catástrofes naturais, por exemplo, para prestar auxílio às vítimas, encontrar desaparecidos, articular movimentos de doação de recursos e alertar a população.

O autor cita o caso dos maremotos ocorridos em dezembro de 2004 que afetou países na África e na Ásia. Catorze países do Oceano Índico foram atingidos e aproximadamente 200 mil pessoas morreram, de acordo com números oficiais<sup>8</sup>. O tsunami também deixou milhares de desabrigados e feridos carentes de auxílio médico e alimentos. Durante os dias que se seguiram ao desastre, ferramentas como blogs e mensagens SMS foram carro-chefe nas mobilizações de apoio às vítimas, que contaram com organização e participação não somente de habitantes locais, mas de várias pessoas ao redor do mundo. Segundo Lemos, os principais fatores que contribuíram para a eficiência desses meios de comunicação foram a rapidez na circulação da informação, a capacidade de veicular discursos em primeira mão e o alcance planetário que eles possuem.

Para o autor Júlio Valentim (2005), o surgimento das smart mobs de caráter político e humanitário representa uma mudança do que alguns sociólogos criticam como uma massa de pessoas sem nenhum engajamento ou consciência política e sem capaci-

---

<sup>7</sup>Do original: “These devices will help people coordinate actions with others around the world – and, perhaps more importantly, with people nearby. Groups of people using these tools will gain new forms of social power, new ways to organize their interactions and exchanges just in time and just in place”.

<sup>8</sup>Informação obtida em: <http://noticias.r7.com/internacional/noticias/tsunami-que-devastou-a-asia-completa-cinco-anos-20091226.html>. Acesso em 20/02/2012.



dade de organização e ação coletiva, em uma “multidão inteligente, interconectada e cooperativa” (Valentim, 2005, p.9). O adjetivo *smart*, para ele, não se refere somente às tecnologias utilizadas nos processos de comunicação, como afirma Lemos, mas também é uma característica das próprias pessoas envolvidas e atuantes nesses processos. As smart mobs seriam uma prova de que é possível exercer a democracia e manifestar a consciência política e cidadã no ciberespaço. Segundo Valentim:

Hoje, a principal forma de resistir politicamente não se baseia mais na força física. São requisitadas a imaginação, criatividade, a afetividade e a comunicação dos sujeitos políticos. Mas também sua capacidade de se mover por espaços existenciais. Em suma, a inteligência coletiva e sua fluidez. É incorporado ao processo de resistência aquilo que é mais comum ao homem: a sua comunidade, a sua capacidade de se vincular, de se encontrar, de se comunicar, a sua linguagem. (VALENTIM, 2005, p.244)

A próxima seção analisa como a inteligência coletiva é desenvolvida, caracterizada e qual sua relação com a formação das smart mobs apresentadas neste tópico.

## 2. Inteligência Coletiva

Don Tapscott (1993) foi um dos primeiros analistas do impacto do advento da web na sociedade a sugerir o tema inteligência coletiva como o conjunto de conhecimentos que surge a partir das decisões e opiniões descentralizadas de grupos de participantes independente. Segundo o autor, a evolução da tecnologia, principalmente da Internet e da web 2.0, e o aumento do acesso a ferramentas que facilitam a organização e a criação de valor, estão impulsionando uma era onde a participação e a colaboração imperam. Esse sistema de participação e colaboração deu origem ao que ele chama de inteligência em rede ou conectada.

A era da inteligência em rede é promissora. Não se trata apenas da organização em rede da tecnologia, mas da organização em rede dos seres humanos através da tecnologia. Não se trata de uma era de máquinas inteligentes, mas de seres humanos que, através de redes, podem combinar sua inteligência, conhecimento e criatividade para conseguir grandes avanços na criação de riqueza e de desenvolvimento social. É uma era extremamente promissora, cheia de oportunidades inimagináveis. (TAPSCOTT, 1993. In TAPSCOTT e WILLIAMS, 2006, p.83)



As autoras Lucia Santaella e Renata Lemos (2010) defendem a mesma ideia. Segundo elas, as tecnologias digitais com enfoque na comunicação P2P (peer-to-peer, ponto a ponto), que permitem a interação descentralizada entre as pessoas e participação de todos igualmente – a exemplo da blogosfera, as redes sociais da Internet e as mensagens em tempo real – geram uma propriedade à qual chamam de mente coletiva. Esta seria um tipo de inteligência produzida a partir da interação entre os agentes que fazem parte desse processo, sejam eles formigas, cardumes ou, obviamente, seres humanos, ponto em que ela atinge a complexidade máxima.

Para Tapscott e Williams (2006), a capacidade de conectar milhões de usuários e seus respectivos conhecimentos é uma prova de que a colaboração em massa está transformando a Internet em um “cérebro global” (p.57). Essa ideia parte da velha concepção da sociedade como um organismo, que foi repaginada com o surgimento da Internet. Francis Heylighen (2005), um dos principais autores a atualizar essa comparação com base nas novas possibilidades criadas pela web, afirma que a Internet ajudou a criar uma rede de inteligência distribuída entre aqueles que fazem parte dela. Essa rede de conhecimentos construída com o auxílio da tecnologia apresentaria uma dinâmica que se assemelha à de um cérebro, e por isso poderia ser chamada de cérebro global.

Nenhum indivíduo, organização ou computador controla esse sistema: seu conhecimento e inteligência estão distribuídos por todos os seus componentes. Eles emergem das interações coletivas entre todos os subsistemas humanos e de máquinas. Um sistema assim talvez seja capaz de enfrentar os problemas globais emergentes e atuais que têm escapado de abordagens mais tradicionais (HEYLIGHEN, 2005, p.2, tradução nossa <sup>9</sup>).

Para Lévy (2000), a inteligência coletiva é “uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta uma mobilização efetiva das competências” (p.19). Para melhor compreender a definição, é necessário frisar que, segundo o autor, o termo “inteligência” da forma como é utilizado neste conceito deve ser entendido como o ponto de encontro entre pessoas e ideias, ajudando a construir a sociedade.

---

<sup>9</sup>Do original: “No individual, organization or computer is in control of this system: its knowledge and intelligence are distributed over all its components. They emerge from the collective interactions between all the human and machine subsystems. Such a system may be able to tackle current and emerging global problems that have eluded more traditional approaches. Yet, at the same time it will create new technological and social challenges which are still difficult to imagine.”



Para Lévy, a interatividade que acontece no ciberespaço, cujas marcas são o compartilhamento de informações em tempo real, possibilita o desenvolvimento do conhecimento por meio da Internet e o surgimento de um novo espaço, que seria o da inteligência coletiva. As novas tecnologias funcionam como ferramentas para conectar as pessoas de todo o mundo em uma rede, promovendo uma ambientação onde a inteligência pode ser construída.

Segundo o autor, essa inteligência também se refere à:

(...) capacidade de trocar ideias, compartilhar informações e interesses comuns, criando comunidades e estimulando reflexões. Para começar, tome o cérebro humano. Fazemos infinitas conexões que se intensificam à medida que envelhecemos. Agora imagine que podemos, graças ao computador, integrar essa 'constelação de neurônios' com a de milhões de outras pessoas. Essa é a comparação que faço. A internet nos permite hoje criar uma superinteligência coletiva, dar início a uma grande revolução humana (LÉVY, 1999, p.31)

No entanto, assim como a inteligência individual, que depende de fatores como saúde física, criação familiar e situação afetiva para se desenvolver nos indivíduos, a inteligência coletiva, também necessita de algumas condições para afluir entre as pessoas. Estas condições poderiam ser fornecidas pela situação de quatro tipos de capital em um coletivo: o cultural, o técnico ou tecnológico, o intelectual e o social. (LÉVY apud LEMOS, 2004).

Apesar de apenas Lévy incluir o estudo sobre o capital social, sua origem e finalidades em sua abordagem da inteligência coletiva, o estudo dessa propriedade se mostra de extrema importância para a compreensão da ideia de mente coletiva e inteligência em rede, já que ela se refere ao potencial de interação entre os indivíduos. Consequentemente, a existência do capital social também está relacionada às dinâmicas que possibilitam a realização de ações coletivas. Em razão disto, explanaremos um pouco mais sobre esse tema no próximo tópico.

### **3. Capital Social**

James Coleman (1988) define o capital social como o conjunto de diferentes entidades que possuem dois elementos em comum: “todas consistem em aspectos de uma estrutura social, e elas facilitam certas ações de atores - sejam pessoas ou



corporações - dentro da estrutura” (p. 98, tradução nossa<sup>10</sup>). Segundo o autor, assim como as outras formas de capital, o capital social é produtivo, ou seja, permite que os indivíduos alcancem certos objetivos que, sem ele, não seriam possíveis.

Outra característica do capital social é a sua intangibilidade, que é ainda maior que nos capitais físico e humano, pois ele existe dentro das relações entre as pessoas, e não nas próprias pessoas, como nos outros.

Da mesma forma que o capital físico e o capital humano facilitam a atividade produtiva, o capital social também faz isso. Por exemplo, um grupo onde há confiabilidade e confiança extensiva é capaz de realizar muito mais que o grupo semelhante sem essa confiabilidade e confiança. (COLEMAN, 1988, p. 101, tradução nossa<sup>11</sup>)

O conceito de capital social de Coleman é semelhante ao de Robert Putnam, o principal teórico sobre o tema. Para este, capital social “se refere às características das organizações sociais, como as redes, as normas, e a confiança, que facilitam a coordenação e cooperação para o benefício mútuo” (Putnam, 1993, p.1-2, tradução nossa<sup>12</sup>). Segundo ele, a realização de uma ação coletiva é mais fácil em comunidades onde há mais deste elemento.

Putnam afirma que o capital social poderia ajudar a resolver alguns dilemas que poderiam ser solucionados a partir da cooperação mútua em prol de um objetivo em comum, mas a falta de articulação entre os indivíduos acaba por dificultar a realização de uma ação coletiva.

Putnam acredita que o capital social pode ser acumulado e que a colaboração efetiva em uma ação ajuda a criar conexões e confiança, elementos fundamentais que facilitam uma colaboração futura. Com isso, o capital social constitui-se de um recurso moral, tornando-se maior à medida que é usado, e menor quando inutilizado.

O autor também associa diretamente a formação de capital social ao engajamento cívico existente em uma rede. Em redes onde há envolvimento cívico por parte de seus membros, há mais facilidade de coordenação e comunicação, além da melhor difusão de informações sobre o nível de confiabilidade dos indivíduos.

Segundo Heloísa Matos (2009), esse engajamento cívico pode ser estabelecido

---

<sup>10</sup>Do original: “They all consist of some aspect of social structures, and they facilitate certain actions of actors - whether persons or corporate actors - within the structure”.

<sup>11</sup>Do original: “Just as physical capital and human capital facilitate productive activity, social capital does as well. For example, a group within which there is extensive trustworthiness and extensive trust is able to accomplish much more than a comparable group without that trustworthiness and trust”.

<sup>12</sup>Do original: “refers to features of social organization, such as networks, norms, and trust, that facilitate coordination and cooperation for mutual benefit”.



por meio da interação nas redes sociais baseada na conversação cotidiana entre as pessoas. As interações guiadas pelos sentimentos de confiança e reciprocidade existentes entre os indivíduos podem contribuir para a formação de capital social e um dos resultados dessas relações de comunicação seria a realização de ações de engajamento cívico.

De modo geral, é possível afirmar que a conversação é parte significativa da socialização e integração cultural, contribuindo para a formação de redes de interação, de confiança e laços de solidariedade – elementos que compõem a base do conceito de capital social. Considerando-se que o capital social conecta os indivíduos uns aos outros, visando estabelecer formas de cooperação entre eles, percebe-se a importância que a conversação cívica pode ter no desenvolvimento desse tipo de capital. (MATOS, 2009, p.89, tradução nossa)

Com o advento e a evolução da Internet e o surgimento das redes sociais digitais, observou-se que o capital social também poderia ser analisado nas interações mediadas por computadores e outras tecnologias que possuem ferramentas de conexão e comunicação.

Para Anabel Quan-Haase e Barry Wellman (2002), a Internet pode afetar o capital social de três formas. Uma dessas maneiras seria transformando-o. A partir de uma pesquisa, os autores constataram que a grande maioria dos internautas fazia parte de algum tipo de comunidade virtual. As pessoas estariam à procura de outros indivíduos com os mesmos interesses, e as listas de e-mails e os “newsgroups” forneceriam os meios necessários para que elas se conectem a estes grupos.

O alto índice de adesão às comunidades online, sejam elas relacionadas a associações de comércio, grupos com interesses em comum ou fã-clubes de esporte ou televisão, seriam evidências de que a Internet se tornou um meio alternativo para que as pessoas participassem de grupos, provendo uma nova esfera de comunicação e possibilitando a formação de novas relações sociais. Com isso, as comunidades passaram a ter como base as redes sociais digitais, e não mais os grupos geograficamente ligados, como é a forma tradicional. Isso acarretaria a transformação do capital social.

A segunda forma pela qual a Internet afetaria o capital social seria diminuindo-o. Segundo os autores, quando as pessoas estão online, a web pode, eventualmente, afastá-los do contato com o que está ao seu redor física e socialmente, e aliená-los do engajamento cívico. À medida que aumenta o número de atividades realizadas pelos



indivíduos na Internet e o tempo gasto nessas atividades, é possível que a interação face a face com familiares e amigos seja reduzida.

Um terceiro modo de a Internet afetar o capital social é complementando-o. Segundo os autores, evidências apontam que a web é um meio importante de comunicação entre as pessoas, mas não o principal, e que o e-mail, os chats e outras formas de interação online suplementam o contato social face a face e por meio do telefone, pois ajudam a organizar reuniões e eventos.

A autora Raquel Recuero (2009), partindo da teoria de Quan-Haase e Wellman de que a Internet e a comunicação mediada por computador ajudam, sim, a construir capital social, afirma ainda que este pode assumir diversas formas no ciberespaço, de acordo com os diferentes tipos de interação nos diferentes sistemas. Para a autora, o capital social é um elemento fundamental no entendimento dos padrões de conexão entre os atores sociais na Internet. Os diferentes tipos de capital social seriam motivadores para as conexões e auxiliariam a compreender e moldar as dinâmicas que surgem com a apropriação dos sites de redes sociais, como Orkut, Facebook e Twitter.

## **Conclusão**

O artigo aqui apresentado fez um estudo sobre o impacto do advento e da evolução da Internet e das novas tecnologias de comunicação nas práticas sociais da contemporaneidade. Um dos principais reflexos dessas mudanças é o surgimento das smart mobs, fenômeno que ganha cada vez mais fôlego à medida que essas tecnologias se desenvolvem e as formas de interação entre os indivíduos no ciberespaço se aprimoram e diversificam. As novas ferramentas de comunicação e informação funcionam como suporte para a organização dessas multidões para fins de mobilização política ou ajuda humanitária. Mostramos neste artigo alguns exemplos de smart mobs na realização dos protestos antigoverno nas Filipinas em 2001 e nas mobilizações com o objetivo de ajudar as vítimas dos tsunamis na Ásia e na África no ano de 2004.

As tecnologias ditas inteligentes foram essenciais para a articulação desses movimentos, pois permitiram a conexão em larga escala, facilitaram a participação e a colaboração no ambiente virtual, possibilitando a realização de ações coletivas. No entanto, o atributo “smart” referente às smart mobs diz respeito não somente a uma característica das tecnologias utilizadas no processo, mas também a uma qualidade das próprias pessoas nele envolvidas.



Isso porque a formação dessas multidões é a prova da existência de uma propriedade essencial para a concretização de projetos coletivos: a inteligência coletiva. A era da conexão em rede permite o compartilhamento de conhecimentos e experiências e a construção de um saber coletivo que pode ser usufruído pelo grupo. As inteligências conectadas produzem uma grande rede de conhecimentos cuja dinâmica assemelha-se à de um cérebro humano, tomando decisões e resolvendo problemas.

O desenvolvimento da inteligência coletiva depende, fundamentalmente, do capital social existente entre os indivíduos. Definido como o conjunto de características de uma organização social que facilitam a cooperação, a colaboração e, conseqüentemente, a ação coletiva, esse elemento tem origem nas conversações cotidianas entre os indivíduos e pode ser relacionado ao nível de engajamento cívico em uma rede de atores sociais. Com o advento da Internet e dos novos espaços de socialização e interação com suporte nela, a construção do capital social se alterou. Acreditamos que essa mudança facilitou a formação do capital social, pois modifica a comunicação entre as pessoas. Um dos principais efeitos do desenvolvimento desse tipo de capital em uma rede social é a realização de ações coletivas.

Vimos, desse modo, que os três elementos estudados neste artigo – smart mobs, inteligência coletiva e capital social – estão, de fato, conectados. A Internet e suas ferramentas de comunicação e compartilhamento de informação tiveram, e ainda têm, papel fundamental na mudança e na evolução das práticas sociais e no desenvolvimento de cada um dessas propriedades, contribuindo para a organização e a articulação de ações coletivas que podem transformar a sociedade.

### Referências bibliográficas

COLEMAN, James. **Social capital in the creation of human capital**. 1988. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/2780243?uid=3737664&uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=47698810763897>>. Acesso em 20/03/2012.

HEYLIGHEN, Francis. **Conceptions of a Global Brain: an historical review**. 2005.

LEMOS, André. **Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão**. 2004. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n41/alemos.html>>. Acesso em 25/02/2012.

LEMOS, André. **Cibercultura e Tsunamis: Tecnologias de Comunicação Móvel, Blogs e Mobilização Social**. 2005. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/tsunamis.pdf>>. Acesso em 04/01/2012.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 2000. São Paulo: Edicoes Loyola, 1998.



\_\_\_\_\_ **Cibercultura**. São Paulo: Ed 34 Ltda, 1999.

MATOS, Heloísa. **Capital social e comunicação: interfaces e articulações**. São Paulo: Summus, 2009.

PUTNAM, Robert. **The prosperous community: social capital and public life**. 1993.

QUAN-HAASE, Anabel; WELLMAN, Barry. **How does the Internet affect social capital**. 2002.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RHEINGOLD, Howard. **Smart Mobs: The Next Social Revolution**. 2002.

SANTAELLA, Lúcia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

TAPSCOTT, Dan; WILLIAMS, Anthony D. **Wikinomics**. 2006.

VALENTIM, Júlio. **A Mobilidade das Multidões: Comunicação Sem-fio, Smart Mobs e Resistência nas Cibercidades**. 2005. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_903.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_903.pdf)>. Acesso em 22/01/2012.